

REFLEXÕES SOBRE A NOÇÃO DE LÍNGUA: INFLUÊNCIA
EPISTEMOLÓGICA SAUSSURIANA EM MICHEL PÊCHEUX

REFLECTIONS ON THE NOTION OF LANGUAGE: THE SAUSSURIAN
EPISTEMOLOGICAL INFLUENCE IN MICHEL PÊCHEUX

Christiano Titoneli Santana
Universidade Federal Fluminense
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais
christiano.titoneli@gmail.com

RESUMO: O propósito deste artigo é estudar a noção de língua pensando o percurso de Saussure ([1916] 2006) e suas influências sobre a Análise do Discurso de linha francesa, fundada por Pêcheux (1997). Para tanto, investigaremos as influências sociológicas e filosóficas sofridas por Saussure (2006) durante sua época, de modo a tomar a língua como seu objeto de estudo científico. Posteriormente, identificaremos alguns traços possíveis de aproximação e de deslocamento da teoria saussuriana na formulação de língua em Pêcheux (1997).

PALAVRAS-CHAVE: *Língua, Linguística, Análise do Discurso, Saussure, Pêcheux.*

ABSTRACT: The purpose of this article is to bring to light the notion of language by thinking about Saussure's course ([1916] 2006) and his influences on the Discourse Analysis, founded by Pêcheux (1997). For this purpose, we will investigate the sociological and philosophical influences in Saussure's work (2006) during his time, so he could make the language as an object of scientific study. Subsequently, we will identify some possible traits of approximation and displacement of the Saussurian theory in the formulation of language in Pêcheux (1997).

KEYWORDS: *Language, Linguistics, Discourse Analysis, Saussure, Pêcheux.*

Introdução

Este artigo tem como propósito um percurso teórico, centrando-se na noção de língua; para tanto, aproximar-nos-emos de Saussure (2006), percorrendo algu-

mas das correntes filosóficas e científicas que o influenciaram e que o cercavam à época. Com isso, o percurso será da seguinte forma: 1) Começaremos com a noção de positivismo como prática investigativa no século XX, como corrente sociológica, filosófica e política desenvolvida por Comte (1978),¹ quem fundou a ciência primariamente denominada física social e, mais tarde, denominou-a como sociologia; e 2) Chegaremos ao conceito de fato social, na sociologia, postulado por Durkheim (1972).² Trabalharemos, então, o diálogo entre essas duas correntes e suas influências na dicotomia língua (*langue*) e fala (*parole*) e o recorte do objeto da linguística, conforme instituído por Saussure (2006). Faremos este recorte inicial para nos debruçarmos na questão, especificamente, da língua formulada por Saussure (2006), para que dela possamos nos distanciar e nos aprofundar na noção de língua instituída pela Análise do Discurso (AD).

Focando-nos no escopo da linguística como definida no Curso de Linguística Geral (CLG), Saussure (2006) está atravessado pelas ciências, pelo modo de ver o mundo nas condições sócio-históricas daquele período em meio ao panorama do início do século XX. Seus postulados, seus recortes, sua forma de pensar a ciência e o todo ao redor materializam de forma diversa e, principalmente, em seus manuscritos e nas anotações de seus alunos. Ao centrar-se nos estudos da linguagem como uma ciência piloto para, posteriormente, fundar a linguística como ciência moderna, foi preciso que ele, afetado pelo seu momento histórico, embasasse suas investigações e seus métodos na visão de ciência da época. E quanto às influências e contribuições para a formação da linguística, Corrêa (2002, p. 23) assevera que “A história quase oficial a respeito da constituição da linguística como ciência é a que liga Saussure a Durkheim e, indiretamente, a Comte”. E é nesse caminho traçado por Corrêa (2002) que buscaremos contribuições epistemológicas para a constituição da noção de língua em AD.

1. Influências sociológicas e filosóficas em Saussure: um recorte possível

O positivismo, em linhas gerais, preza pela observação, experimentação, delimitação e aplicação de métodos para compreender a natureza humana e a

¹ Obra em sua 3a. edição, ano 1978, editora Abril Cultural, originalmente publicada em seis volumes entre os anos 1830-1842.

² Obra em sua 6a. edição, ano 1972, Companhia Editora Nacional, primeiramente publicada em 1895.

realidade social, com foco nos fatos, e não nas causas dos fenômenos. Principalmente a partir do Iluminismo, começam a ser prescindidas gradualmente as explicações da realidade humana a partir de eventos exteriores ao homem, antes fundamentadas em conceituações de foro teológico ou metafísico. A razão passa a entrar em cena como fundamento, o homem é considerado o centro do pensamento, e o entendimento do social tende a ser, aos poucos, alicerçado cientificamente em método de investigação.

Em sua obra *Curso de Filosofia Positiva*, Comte (1978, p. 4) apresenta a lei dos três estados, isto é, os três momentos do desenvolvimento do conhecimento pelo qual o indivíduo passa, que “são três estados históricos diferentes: estado teológico ou fictício, estado metafísico ou abstrato, estado científico ou positivo”. Atendo-nos ao último, vemos que o indivíduo deixa de colocar a razão como secundária à imaginação e inclina-se a não procurar mais o porquê das coisas e o absoluto. Nos termos de Comte (*op.cit.*, p. 4), “Enfim, no estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos”. É importante apontar que essa concepção de positivismo é postulada por Comte (1978), porém, como o próprio autor salienta, tanto a postura quanto o sentimento positivista de ver o mundo já são experienciados desde Kepler na astronomia, em Descartes, assim como desde as inspirações do racionalismo e do empirismo em direção ao nascimento do Iluminismo. Segundo a crença positivista, não condiz à filosofia positiva recorrer às causas dos fenômenos, mas sim analisar com exatidão as circunstâncias de sua produção – é uma perspectiva voltada à investigação do fato em sua concretude. Vemos, aqui, a total crença no sentido de completude e totalidade das coisas do mundo.

Não há como negar o lugar teórico de Comte (1978), que buscou instituir a sociologia como ciência; entretanto, é em Durkheim (1972) que teremos o campo da sociologia construído e mais delineado de modo a chancelar de vez a sociologia como uma disciplina científica. Entre seus estudos mais importantes, contamos com o conceito de fato social que permeia a noção de que os fatos são externos ao indivíduo, no sentido de que existem independentemente da vontade do homem em sua singularidade. Durkheim (1972) debruça-se sobre a investigação dos fatos considerando-os como uma unidade capaz de manter o elo, a estabilidade e a unidade das relações sociais entre os indivíduos. Fatos sociais “consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir exteriores ao indivíduo, dotadas de um poder de coerção em virtude do qual se lhe impõem” (DURKHEIM, 1972, p. 2). Isto é, dão-se por meio da prática social, principal-

mente catapultados pela educação, que para o autor é um meio coercitivo de levar as crianças a ver o mundo, a agir, a sentir de uma dada forma. Para ele, desde o nascimento, as crianças são imputadas a obedecer a regras e a segui-las, de maneira que paulatinamente essas coerções deixem de ser percebidas e sentidas e passem a ser compreendidas como hábitos. Todas e quaisquer atividades, regras sociais são interpretadas como um meio no qual o homem pode internalizá-las e pô-las em prática desde o seu nascimento, em níveis e demandas complexas diferentes.

Durkheim (1972, p. 1) exemplifica os fatos sociais ao dizer: “Quando desempenho meus deveres de irmão, de esposo ou de cidadão, quando me desincumbo de encargos que contraí, pratico deveres que estão definidos fora de mim e de meus atos, no direito e nos costumes”. Podemos refletir que, de acordo com essa visão filosófica, os fatos sociais são exteriores ao indivíduo, mas para tais fatos existirem, é necessário haver o indivíduo, sem ele não há fatos sociais. Para Durkheim (1972), os fatos sociais existem em uma coletividade, e não na individualidade, o homem em sua particularidade perde o controle de sua produção; portanto, é uma prática, “que é geral ao conjunto de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter” (*op.cit.*, p. 5). Nesse ponto de vista filosófico e, sobretudo, sociológico da época, é forte essa divisão entre o homem e a sociedade, não há a perspectiva de que os fatos sociais possam dar-se, por sua vez, em uma relação constitutiva entre sujeito e mundo, em que tais fatos, apesar de não serem estanques, apresentem contradições, falhas em uma relação de constante mudança entre o sujeito e o mundo; portanto, uma relação não divisível.

2. A noção de língua em Saussure e a constituição do CLG

É no desdobramento desse contexto epistemológico que Saussure está imerso e começa a lecionar linguística histórica e comparativa na Universidade de Genebra, como nos aponta Bouissac (2012). Suas três primeiras aulas nessa universidade em 1891 foram focadas na linguística geral, cadeira esta criada exclusivamente para ele ministrar, tornando-a um espaço de reflexão, ponderação e, por vezes, crítica à visão de língua vigente. Entretanto, o seu primeiro CLG aconteceu em 1907. Um dos seus maiores combates iniciais era o postulado de que a língua fosse um organismo, como se estivesse submetida

a leis biológicas de evolução – visão naturalista da época, afetada pelo darwinismo. O conceito de evolução implica uma interpretação de crescimento, desenvolvimento e morte da língua, Saussure (2006) empenha-se em derrubar essa noção ao entender que a língua é uma transmutação, continuidade, mobilidade e mudança por causas acidentais. Segundo Bouissac (2012), Saussure (2006) reprova a visão essencialista e ilusória quanto à evolução da língua. É nesse pensar a língua, durante os cursos ministrados de Linguística Geral, que se pintam os primeiros traços da abordagem de Saussure (2006) em direção à fundação da linguística como ciência.

Após recortar, de algum modo, um pouco do cenário histórico ao redor de Saussure (2006) e, singelamente, situar-nos no ponto em que suas aulas efetivamente começam a abordar a língua dentro de uma disciplina universitária, vale retomar como se deu a constituição do CLG, para então centralizarmo-nos na dicotomia língua (*langue*) x fala (*parole*) e na noção de língua, que nos interessa particularmente. Como podemos ler na própria introdução do CLG, a obra foi postumamente organizada e publicada por dois amigos e discípulos de Saussure (2006), Charles Bally e Albert Sechehaye. Ambos decidiram “por uma solução mais audaciosa” (SAUSSURE, 2006, p. 3) reconstituir os ecos do pensamento do teórico com base no terceiro curso (1910-1911), nas anotações dos cadernos de alguns alunos, uma vez que os dois “não estiveram presentes em nenhum dos três cursos de linguística geral ministrados por Saussure entre 1906 e 1911” (BOUISSAC, 2012, p. 197); além disso, tiveram acesso a poucos manuscritos do teórico por ter ele o hábito de eliminar as próprias anotações.

É incontestável e notório que a obra tornou-se referencial nos estudos de linguagem, porém, é alvo de críticas até hoje, a começar por estudiosos, como Godel, Tulio de Mauro e Rudolph Engler, que vinham se debruçando, já em meados do século XX, sobre os cadernos dos alunos e alguns dos manuscritos de Saussure. Posteriormente, conforme nos aponta Bouissac (2012), foram encontrados manuscritos inteiros redigidos por Saussure, em especial “em 1996, um verdadeiro tesouro de manuscritos foi descoberto na estufa da mansão da família de Saussure. Contudo, por sorte ou por azar, Bally e Sechehaye não puderam ter acesso a nenhum desses preciosos documentos” (*op.cit.*, p. 196). Por fim, foram Simon Bouquet e Rudolph Engler que fizeram a edição desses manuscritos em contraste com o CLG, com publicação no início deste século sob o título de *Escritos de Linguística Geral*. Quando nos referimos ao CLG,

estamos imersos em diferentes vozes no esforço ilusório de constituir uma apenas: a de Saussure (2006).³

No CLG, a primeira grande dicotomia trabalhada por Saussure (2006) foi língua x fala, dualidade esta pensada de modo a entender como se dá a linguagem. Para isso, ele estabelece a língua como essencial e a fala como secundária, vejamos:

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psico-física (SAUSSURE, 2006, p. 27).

Propondo uma dicotomia entre língua e fala, Saussure (2006) recorta a língua cientificamente como seu objeto teórico de análise. Com base nessa perspectiva, a língua é entendida como um instrumento, um sistema linguístico do falante (entendamos como sistema de signos linguísticos; os signos são linguísticos, o sistema é relativo ao modo como os signos se constituem e se relacionam uns com os outros; e a língua, assim concebida, não é um instrumento do falante. Sua natureza é coercitiva, uma coercitividade a qual o sujeito-falante, para usar o termo do *Cours*, está fatalmente subordinado) e ganha existência na coletividade, sendo, portanto, “social em sua essência” (*op.cit.*, p. 27). O termo *social*, aqui, deve ser pensado à época do início do século XX, em que o *social* está relacionado ao termo-chave da sociologia, *fato social*, como postulado por Durkheim (1972). Seguindo essa concepção, Saussure (*op.cit.*, p. 22) aponta que a língua “é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la”. O termo exterioridade marca uma cisão entre coletividade e individualidade. Em sua coletividade – o que é comum a todos –, há a língua compreendida como de natureza homogênea, como sistema e estrutura. É como se a coercitividade apropriasse o falante à língua de modo que ele, em sua individualidade, produzisse a sua singularidade por meio da fala. Esse é o refinamento teórico que Saussure (2006) começa a empreender para chegar ao seu objeto teórico: a língua.

³ Quanto às divergências e aos embates a respeito da constituição do CLG, Arrivé (2010, p. 23) assevera que “a composição adotada para a obra não corresponde claramente nem à composição de nenhum dos três cursos, nem, sem dúvida, à que Saussure teria considerado se tivesse feito o projeto de extrair um livro do curso que ministrava. Daí provêm as divergências não inexpressivas entre a ‘vulgata’ e aquilo que pode ser extraído das fontes manuscritas”.

O corte saussuriano representa o esforço de separar duas naturezas que se pressupõem, a língua e a fala, como diz o autor, ambas são de naturezas diferentes, e juntas não se tornam homogêneas. É por abstração que as duas devem ser estudadas separadamente. Para o autor, a fala não é científica, pois é heterogênea, seria para ele contraproducente estudar a fala com todas as suas realizações e dinamicidade. A AD, proposta por Pêcheux (1997), desvincilha-se da noção de fala como um processo de liberdade individual, e do sujeito como um falante autônomo, controlador, apregoado por Saussure (2006), no qual a linguagem é posta como liberdade, traduzida como sendo “heteróclita”. E põe em discussão a inviabilidade de pensar a autonomia universal e absoluta da língua, como se não houvesse uma exterioridade – sócio-histórica – lhe impu-tando mudanças, sentidos e rearranjos, por assim dizer. Saussure (2006) elege a língua como objeto científico e teórico, pois concebe que a língua, sendo um fato social, faz parte da sociedade, e não concerne, em partícula, a um indivíduo. Assume-se que a língua é essência e forma, tem padrões, sistematizações e, principalmente, é estável. Como apresentado anteriormente, essa noção de divisão e corte advém da prática investigativa com base na visão filosófica do positivismo já instituída na época, em que se pregava que o cientista tinha de ser neutro, despir-se de sua subjetividade, criar e rever suas hipóteses para chegar a uma verdade plena.

3. Aproximações e deslocamentos: a noção de língua para AD a partir de Saussure

Saussure (2006) levantou na língua o que era imutável: a língua é essência e forma, logo estrutura; a substância é elemento da fala. Desvios de gramática são entendidos como substância; um exemplo: a sentença “Eles viu as menina bonita” demonstra incongruência na concordância verbal, isto é, no plano da substância, enquanto no plano da forma (da língua) os elementos (sujeito + verbo + objeto) estão formados sem truncamento. Ao voltar-se ao sistema, ele busca a consistência da língua por meio da sincronia, fruto da dicotomia entre sincronia x diacronia. Esta última retrata a abordagem evolutiva e as mudanças dos elementos linguísticos com o passar do tempo. Para estudar apenas a língua, Saussure (2006) recorta-a em um período de tempo determinado, não se interessando pelo tempo anterior; logo o tempo atual, como a língua se mostra, é o seu corte.

Pensar a língua dessa forma significa rechaçar o sujeito, o social, o histórico e o discursivo, é buscar apagar ou silenciar os elementos constitutivos

da língua (histórico, social e ideológico). Ao pensar a língua, Pêcheux (1997) se aproxima de Saussure (2006) e dele propõe um afastamento ao apontar que a língua não deve ser considerada como uma unidade homogênea, submetida a diferentes regras sistematicamente. Diferentemente, a AD vê a língua como “condição de possibilidade do discurso” (ORLANDI, 2013, p. 22). E é neste lugar que nos colocamos ao entender que o sentido não se cola à palavra, mas circula pelo discurso em conjunto com a língua, permeada pelo meio sócio-histórico, pela ideologia, em diferentes posições ocupadas pelo sujeito.

Segundo Maldidier (2003, p. 22), “Pêcheux não invoca de forma alguma a ‘superação’ da dicotomia língua/fala. Saussure é, para ele, o ponto de origem da ciência linguística”. Pêcheux (1997), na ADD-69 (considerada o texto inaugural da teoria do discurso por ele proposta), propõe deslocamento a partir de Saussure (2006) quanto à dicotomia entre língua e fala, e critica a recusa do sentido que o corte saussuriano acaba por representar, quando Pêcheux (*op.cit.*, 62) diz: “a partir do momento em que a língua deve ser pensada como um *sistema*, deixa de ser compreendida como tendo a função de exprimir sentido; ela torna-se um objeto do qual uma ciência pode descrever o *funcionamento*”. Para a AD, segundo Orlandi (2013), a língua é relativamente autônoma; entretanto, nela incidem a história, o sujeito, o social, a ideologia e o discurso, uma vez que há entre eles uma relação intrínseca, mas, principalmente, constitutiva. Não existe uma separação lógica, sistemática entre eles, a língua na AD representa o campo da possibilidade do discurso, logo dos múltiplos sentidos. Em retrospectiva, a exclusão da fala no corte saussuriano torna-se ponto de reflexão para o que a AD não pretende ser exatamente.

Pêcheux (1997) deixa claro seu deslocamento de Saussure (2006) já de início no seu texto inaugural, ADD-69, com vistas a instituir a AD. Vale destacarmos dois pensamentos quanto à formulação teórica da AD no que tange à língua, à fala e ao discurso, segundo Maldidier (2003) e Orlandi (2011; 2013).

Maldidier (2003, p. 22) aponta que “Michel Pêcheux constitui o discurso como uma reformulação da fala saussuriana, desembaraçada de suas implicações subjetivas”. Maldidier (2003) sublinha a importância de Saussure (2006) na formulação do discurso em AD. Ela infere o lugar teórico que Pêcheux (1997) pretende alçar ao dizer que é uma reformulação “desembaraçada de suas implicações subjetivas”, isto é, com a AD, passa-se a pensar que o sujeito não é dotado de controle intencional da língua e da fala, nas quais a história, o social e a ideologia intervêm ao produzir sentidos a partir do e no sujeito. Em outras palavras, enquanto a fala saussuriana é um ato de vontade individual e encarado “como um caminho da liberdade humana” (PÊUCHEUX, 1997,

p. 71), o discurso para Pêcheux (*op.cit.*, p. 82) é “efeito de sentidos” entre interlocutores na interseção entre língua e fala, como ato de subjetividade, sendo estas duas vistas não como dicotômicas, mas como constitutivas entre si. Logo, há um sujeito, mas não livre ou preso totalmente, ele tem escolhas, mas determinadas historicamente.

A teórica brasileira Orlandi (2011, p. 60), por sua vez, traz também uma explicação para a relação entre língua, fala e discurso, vejamos: “A noção de discurso desloca a reflexão para além da dicotomia língua/fala ou competência/desempenho. (...) O discurso não é geral como a língua (ou a competência) nem individual e a-sistemático como a fala (ou *performance*)”, e acrescenta que “não se deve confundir discurso com ‘fala’ na continuidade da dicotomia (língua/fala)” (ORLANDI, 2013, p. 21). Orlandi (2013) aponta que o discurso e a língua fazem parte do recorte teórico da AD; o discurso, entretanto, é condicionado pelo linguístico, pelo sócio-histórico, enquanto a língua tem suas rupturas, suas brechas, suas frestas. Não há uma dicotomização entre elementos interno e externo na linguagem, são elementos constitutivos, pois a “língua é assim condição de possibilidade do discurso” (*op.cit.*, p. 22).

Conclusão

Em se tratando dos estudos de linguagem, trabalhar a noção de língua sempre nos convoca a pensar por uma perspectiva da linguística. E este artigo buscou ponderar a noção de língua em Saussure (2006) a partir das influências sociológicas e filosóficas à sua época. A partir daí, propomos investigar a noção de língua na AD sob a influência da teoria saussuriana.

Estudar qualquer linha teórica dentro da linguística nos exige pensar como cada teoria considera a noção de língua. Isso se justifica uma vez que cada aporte teórico é constituído historicamente por visadas epistemológicas. Ainda na ADD-69 – texto fundador da AD de linha francesa –, Pêcheux (1997) recorreu a Saussure (2006) para fundamentar sua visão de língua na AD. Pêcheux (1997) considera que Saussure (2006) foi capaz de “quebrar essa homogeneidade cúmplice entre prática e teoria da língua [...]; torna-se um objeto de que uma ciência pode descrever o funcionamento” (PÊCHEUX, 1997, p. 1-2). Isso porque antes do CLG o estudo de língua era sinônimo tão somente de estudo de textos (PÊCHEUX, 1997). Entretanto, um dos deslocamentos de Pêcheux (1997) se deu por meio da crítica à teoria saussuriana, que desconsidera a fala como objeto de estudo científico ao lançar fora o uso concreto da linguagem.

São muitas as contribuições de Saussure (2006) que nortearam os estudos de linguagem do século passado e ainda ressoam nos dias de hoje. Este artigo não trata pura e simplesmente de uma retomada a Saussure para focar na noção de língua em AD, é também um recorte histórico que não se finda em si mesmo. Isto é, trata-se de estudar a noção de língua que não está posta como finda, mas em constante ponderação e investigação a partir de perspectivas e pontos de vista teóricos diversos.

Referências

- ARRIVÉ, M. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. Parábola Editorial, São Paulo, 2010.
- BOUISSAC, P. *Saussure: um guia para os perplexos*. Editora Vozes, Petrópolis, 2012.
- COMTE, A. *Comte*. Abril Cultural, São Paulo, 1978. Coleção Os Pensadores.
- CORRÊA, M.L.G. *Linguística e Comunicação Social: visões da linguística moderna*. São Paulo, Parábola, 2002.
- DURKHEIM, E. O que é fato social? In: *As Regras do Método Sociológico*. Trad. por Maria Isaura Pereira de Queiroz. 6.a ed. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1972.
- MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso*. (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Pontes, Campinas, 2003.
- ORLANDI, E. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. 11ª. Ed. Pontes, Campinas, 2013.
- _____. *O que é Linguística*. Editora Brasiliense, São Paulo, 2011.
- PÊCHEUX, M. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux*. Em GADET, F. & HAK. Trad. Bethânia S. Mariani [et al]. Editora Unicamp, Campinas, [1969/1997].
- _____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Editora Unicamp, Campinas, 2010.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Cultrix, São Paulo, 2006.

Recebido em 29 de março de 2017.

Aceito em 17 de outubro de 2017.